

A PONTUAÇÃO NA PRODUÇÃO DE TEXTOS DE ESCOLARES EM FASE INICIAL DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Vera PACHECO¹⁶

Sueli Barros da CRUZ¹⁷

Marian OLIVEIRA¹⁸

Resumo: Neste trabalho objetivamos avaliar a pontuação na escrita de escolares em fase inicial de aquisição da escrita da língua portuguesa. Diferentes fatores podem orientar a forma de pontuar de um texto, tais como tipo de texto, a organização sintática, a semântica e a prosódia. Nossos resultados mostram que uma pequena porcentagem de alunos dos 2º e 3º anos utiliza-se dos sinais de pontuação nas suas produções textuais. Essa porcentagem tende a aumentar nos demais anos, chegando a 100% no 5º ano. Fatores semânticos e prosódicos são os que mais orientam a pontuação dos sujeitos avaliados.

Palavras-chave: pontuação, semântica, prosódia.

Abstract: *In this paper we aim at evaluating the punctuations in the writing of students in the initial acquisition of writing of the Portuguese language. Different factors can direct the way to punctuate a text, such as text type, syntactic organization, semantics, and prosody. Our results show that a small percentage of students in the 1st and 2nd grades use punctuation marks in their textual productions. This percentage tends to increase in the following grades, reaching 100% in the 4th grade. Semantic and prosodic factors are the ones which most direct the punctuation of the subjects evaluated.*

Keywords: *punctuation, semantics, prosody.*

A pontuação e a aquisição da língua escrita materna: nossa proposta de trabalho

As regras de pontuação nem sempre estiveram dispostas em um manual como ocorre hoje nos nossos dias. No decorrer da história da humanidade, diversos fatores

¹⁶ Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil. vera.pacheco@gmail.com

¹⁷ Departamento de Educação, UNEB, Guanambi, BA, suelibarros2000@yahoo.com.br

¹⁸ Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil. mdossoliveira@gmail.com

influenciaram a prática de pontuação de um texto. Rocha (1998) afirma que a maneira de pontuar sofre várias mudanças ao longo do tempo, em decorrência dos aspectos históricos, da concepção de leitura dominante, da preferência pelo ritmo da fala ou organização sintática e do gênero do texto.

Nos dias atuais, o uso dos sinais de pontuação tem explicações de natureza sintática, (CUNHA, 1977) de natureza semântica, textual e prosódica (CAGLIARI, 1985 e CHACON, 1998). Assim, essas marcas gráficas têm funções diversificadas, o que torna o seu uso, de certa forma, um tanto quanto heterogêneo, exceção feita, naturalmente, para os casos de usos ou não usos que estão estritamente atrelados à sintaxe, como a regra de uso que diz que não se separa sujeito de seu predicado (CUNHA, 1970, p.59), não sendo permitida nessa posição, portando, nenhum sinal de pontuação.

Para Cagliari (1989), os sinais de pontuação, além de sua natureza sintática, textual e discursiva, têm como função principal ser um correlato visual, na escrita, das variações melódicas que ocorrem na fala. Para esse autor, os sinais de pontuação, como outras marcas gráficas, oferecem ao leitor informações de como o texto deve ser lido, qual a entonação que determinadas passagens sob o efeito de certos sinais de pontuação devem ter.

O uso dessas marcas no texto, para Chacon (1998), tem motivações de naturezas diversas. Esse autor defende que estes sinais estabelecem um limite rítmico ou unidades rítmicas no decorrer da produção escrita, podendo interromper fluxos, suspendê-los ou considerá-los como completos.

Dessa forma, ao escrever, o autor utiliza os sinais para estabelecer as unidades rítmicas que apresentam a dimensão semântica, morfossintática e prosódica, correspondendo a um enunciado fonológico, a um sintagma entoacional, a uma orientação argumentativa ou a um parágrafo (CHACON, 1998).

Se há um espectro razoável de fatores que norteiam o uso dos sinais, e um deles relativamente prescritivo, como o fator de natureza sintática, ainda desconhecido pelo aluno que está fase de aquisição da língua materna, perguntamos: a criança, nessa fase usa, em nas suas produções escritas, esses recursos gráficos? Se sim, qual (is) fator(es) norteador(es) que a criança lança mão nos momentos em que ela se aventura a usar essas marcas gráficas?

Neste trabalho objetivamos investigar o uso dos sinais de pontuação por crianças

na fase inicial de aquisição da escrita. Buscamos responder às perguntas acima apresentadas, com base na hipótese de que fatores de natureza diversa orientam a colocação dessas marcas gráficas quando a criança está escrevendo seu texto, especialmente o fator prosódico.

Em outras palavras, objetivamos aqui investigar o uso/aquisição dos sinais de pontuação da criança em fase de aquisição da língua escrita, de sorte a identificar, nas produções textuais de crianças em fase de aquisição da escrita, a presença de sinais de pontuação e buscar explicações para esses usos.

O uso dos sinais de pontuação ontem e hoje

Ao longo da história da escrita, nem sempre houve um sistema de normas que determinassem as regras para se realizar a pontuação e, os sinais eram usados de forma optativa e colocados depois do texto pronto. Na Idade Média, por exemplo, não era o autor quem escrevia os textos e, com isso, ocorriam inúmeras versões e diferentes estilos de pontuar, pois as tarefas da escrita eram divididas entre o autor, o escriba/copista e o editor, responsáveis, respectivamente, pela composição, cópia e edição (ROCHA, 1998, p.1 e 2).

Após a Renascença, os gramáticos começaram a impor regras relacionadas à língua falada e escrita, apresentando uma lista de sinais e como deveriam ser utilizados. Demonstrava-se com isso que havia dois grupos de sinais de pontuação com a função sintática (parágrafos, períodos, frases) e com a função fonética, estabelecendo as pausas para a respiração (CAGLIARI, 1996).

Hoje, já existem inovações quanto ao uso da pontuação pelos cartunistas, nas histórias em quadrinhos e, também, em obras literárias, pois com o objetivo de expressar a fala dos personagens, os autores utilizam diversos recursos, repetindo os sinais ou utilizando mais de um sinal em sequência (CAGLIARI, 1993).

Cada autor precisa adequar o modo de pontuar conforme o gênero do texto, porque há divergências quanto à pontuação publicitária, jornalística e das histórias em quadrinhos. Dessa forma, os diversos profissionais pontuam seus textos diferentemente, adaptando-os às suas necessidades (ROCHA, 1998, p.8 e 9).

Os linguistas modernos reconhecem a importância dos sinais de pontuação, procurando explicá-los através da Semiótica do signo, da Linguística Textual ou da Análise do Discurso (CAGLIARI, 1995).

A pontuação e a prosódia

No decorrer da história dos estudos linguísticos, os linguistas discutem as especificidades da língua falada e escrita, colocando-as, por vezes, como contrárias, dicotômicas. Contudo, Marcuschi (2003) propõe que a língua falada e a língua escrita não podem ser vistas por esta dimensão dicotômica, mas é preciso considerar as diversas interseções entre estas modalidades.

A escrita representa a fala, porém não de forma fiel, por meio de uma correspondência biunívoca, mas conforme as especificidades de cada uma delas. Escrever é diferente de falar, e para representar variações melódicas típicas da língua falada o escritor lança mão de recursos gráficos na tentativa de registrar essas nuances da oralidade.

A leitura de um texto seria uma forma de resgatar oralmente o texto escrito. Assim, na leitura, é necessário que o leitor, além de decodificar o que está escrito e compreender as ideias apresentadas no texto lido, identifique as palavras, agrupando-as em unidades fonológicas, sintáticas, semânticas e discursivas, conforme afirma Cagliari (1989). Neste processo, o uso dos sinais de pontuação e de outros sinais gráficos contribuirá para o entendimento e para a fluência do ato de ler.

Além disso, este autor aborda outros fatores que influenciarão no entendimento do texto: o uso de letras maiúsculas e pontos finais, delimitando o início e o fim de um período, a mudança de parágrafo e o travessão, que demonstram a ocorrência do discurso direto e indica os turnos conversacionais e dialógicos.

Cagliari (1989) também destaca como facilitadores da compreensão textual os sinais que permitem a entoação, como a vírgula e os pontos de exclamação e interrogação, além das expressões que implicam variação de volume da voz, da melodia e expressões que relatam momentos de silêncio, sobreposição de falas e comentários do autor (calou-se; responderam os três meninos; rosnou; tagarelou; sussurrou; disse baixinho; disse sorrindo). Estes fatores permitem ao leitor reconstruir a fala real dos personagens, através dos elementos prosódicos, qualidade de voz e outros fenômenos.

Chacon (1998) refere-se ao ritmo como uma das características da escrita. Para ele, os sinais de pontuação têm o objetivo de estabelecer um limite rítmico ou unidades rítmicas no decorrer da produção escrita, podendo interromper fluxos, suspendê-los ou

considerá-los como completos.

Dessa forma, ao escrever, o autor utiliza os sinais para estabelecer as unidades rítmicas que apresentam a dimensão semântica, morfossintática e prosódia, correspondendo a um enunciado fonológico, a um sintagma entoacional, a uma orientação argumentativa ou a um parágrafo (CHACON, 1998).

A pontuação e a heterogeneidade na escrita

Ao pontuar os textos, o indivíduo demonstra a heterogeneidade e a subjetividade, presentes na escrita, apresentando características dialógicas, pois o autor interage com a proposta temática, com a coletânea de textos apresentados, com as diversas maneiras de pensar e com as pessoas que estão a sua volta (CORRÊA, 1998).

De acordo com o autor, na construção dialógica da escrita é preciso considerar as propriedades de fragmentação (eixo da representação que o escrevente faz da gênese da escrita), de integração (eixo da representação da escrita como código institucionalizado) e a heterogeneidade (eixo da representação da escrita em relação com o já falado / ouvido e o já escrito / lido).

Além disso, ele faz referência ao método indiciário no tratamento das marcas linguísticas, enfatizando as relações entre o oral / falado e letrado / escrito, a imagem que o indivíduo faz da sua escrita e a consideração das pistas linguísticas. Para Abaurre et al (1995), estas pistas não se restringem a relação entre oralidade e escrita, mas podem ser explicadas pela relação entre o falante e a linguagem.

Quando se analisa as produções de texto, observamos marcas linguísticas deixadas pelo indivíduo sobre a escrita e sobre si mesmo. Nessa relação, na produção e interpretação dos textos, que se constrói o sentido da produção escrita. Corrêa diz (1998, p.73):

Trata-se da presença do outro como constitutiva do sujeito, em nosso estudo marcada pelas ideias de heterogeneidade e representação, as quais, no sentido em que em que as estamos utilizando, dão pistas da divisão enunciativa do sujeito e das formas discursivas que identificam o sujeito a grupos.

Assim, o indivíduo se constitui através das ideias de heterogeneidade e representação que o autor faz da escrita. Nos textos analisados por Corrêa (1998), foram

constatados indícios de que os autores procuram representar graficamente aspectos prosódicos e lexicais dos enunciados, demonstrando, então, como se representa o que constitui como gênese da escrita.

De acordo com Lemos (1986), estes acontecimentos são fragmentos de interação, pois demonstram a relação entre o autor, interlocutor e o assunto que está sendo abordado, e não devem ser considerados, simplesmente, como desvios da norma padrão. As pistas linguísticas identificadas nos textos constituem regularidades comuns apresentadas nas composições dos escreventes.

Material e método

Para a execução desta pesquisa, foi realizado um estudo transversal das produções textuais dos alunos de 2º a 5º anos do ensino fundamental do Grupo Escolar Maria Regina Freitas, localizado em um bairro periférico da cidade de Guanambi-Ba.

Foi apresentado aos alunos o filme “Pinóquio”¹⁹. Em seguida, solicitamos aos alunos que respondessem oralmente a uma série de perguntas relacionadas ao texto com o objetivo de fazer as crianças refletirem sobre o filme, e assim auxiliá-las nas produções textuais.

Após discussão do questionário, solicitamos aos alunos que produzissem um texto, narrando os acontecimentos e as atitudes de Pinóquio durante o filme.

Em seguida, as produções foram agrupadas por turmas, e realizadas as transcrições escritas destas redações, catalogação das ocorrências dos sinais de pontuação e quantificação das ocorrências destes sinais.

O uso de sinais de pontuação nos anos escolares iniciais

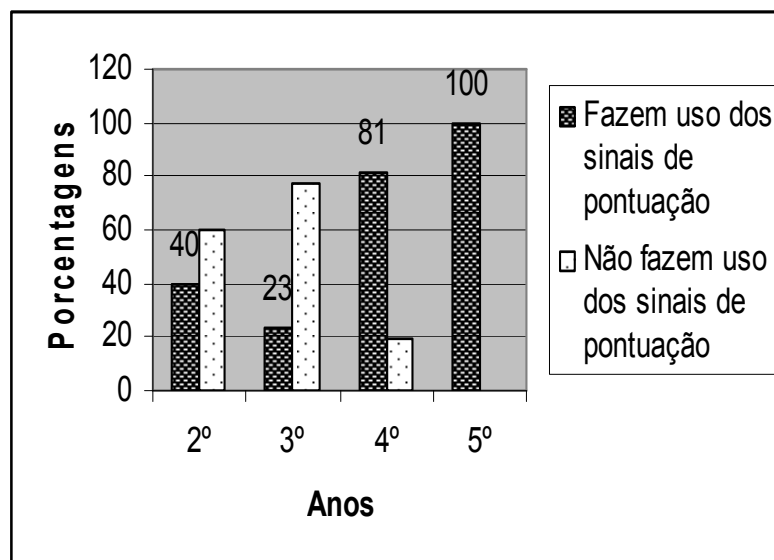
As análises das redações realizadas pelos alunos mostram que o uso dos sinais de pontuação não é sistemático entre os 2º, 3º, 4º e 5º, e o que se observa é um aumento gradativo dos usos dessas marcas gráficas em direção ao 4º e ao 5º anos.

Como se observa no gráfico 1 abaixo, no 2º ano há ainda uma porcentagem relativamente alta de alunos que não usam sinais de pontuação, chegando a quase 50%

¹⁹ PINÓQUIO. O.P.A. Opção Produções Artísticas Ltda; Produção 1989; 91 min.

do total dos alunos investigados. Esse quadro vai-se mudando gradativamente: na 3^o ano, o número de alunos que usa os sinais de pontuação aumenta em detrimento daqueles que não usam, e nos 4^o e 5^o anos temos, respectivamente, quase 100% e 100% dos alunos usando o sinal de pontuação

Gráfico 1: Porcentagens de alunos que fazem e não fazem uso de sinais pontuação em suas produções textuais



Uso dos sinais de pontuação

Os dados do gráfico 1 mostram que o aluno ao escrever seu texto lança mão dos sinais de pontuação. Esse uso por parte dos alunos tem orientações diversificadas, dentre elas semântica, prosódica etc.

Dentre o leque de sinais de pontuação usados na escrita do Português, as marcas gráficas mais usadas pelos alunos são o ponto final e a vírgula, mais raramente e somente na 4^o e 5^o anos é que se observa uma tentativa de se usar os demais sinais de pontuação.

Uso do ponto final

O ponto final é o primeiro sinal de pontuação a ser usado pelos alunos em fase de aquisição da escrita, e um de seus usos nessa fase é indicar o fim absoluto do texto. Nesse sentido, o uso dessa marca tem uma orientação que é a forma do texto, ou seja, esse sinal é usado para marcar o final do texto, como se observa nos dados abaixo:

- 1) [...] *Ele foi feliz para sempre. (2º ACR)*²⁰
- 2) [...] *Pinóquio foi embora e no final a menina virou gente. (3º SMS)*
- 3) [...] *Pinóquio foi para casa e aí acabou a estória. (3º JSS)*

Já para os demais anos, o uso desse sinal de pontuação não se limita ao final absoluto do texto, mas é também usado entre frases, para sinalizar o fim de uma informação e início de outra. Como observamos nos dados abaixo:

- 4) *Era uma vez o menino que se chamava Pinóquio. Ele era um menino muito bom e de repente Pinóquio mentiu, mentiu (4º JPS)*
- 5) *Pinóquio. Era um menino baixinho, que sonhava muito. (5º TAG)*

Nessas construções, como outras que apareceram no corpus, o ponto final é usado para marcar o limite de duas frases que têm informações diferentes entre si, mas que são relacionadas. No exemplo 4 acima, a frase que vem antes do ponto final tem uma informação sobre a existência de um menino que se chamava Pinóquio, e a frase seguinte uma informação sobre o seu caráter e uma mudança nesse caráter. No exemplo 5, a frase antes do ponto é uma espécie de apresentação do “Pinóquio”, e a frase que vem depois do ponto é uma caracterização física e psicológica desse Pinóquio apresentado na primeira frase.

Assim, nos dois últimos anos, o uso do ponto final tem uma motivação semântica: separar duas frases que possuem informações diferentes, mas que sejam relacionadas entre si.

O que se pode observar nessas análises é que durante a aquisição da linguagem

²⁰ Indicação do ano e iniciais do nome do aluno

escrita, o sinal de pontuação tem orientações de uso tanto de ordem da forma do texto, quanto semântica.

Uso da vírgula

A vírgula foi um sinal de pontuação muito pouco encontrado no *corpus* analisado, principalmente nos anos iniciais, em particular na segundo ano, para a qual não foi encontrada, no conjunto das redações, nenhuma ocorrência de vírgula.

As ocorrências de vírgulas encontradas nas redações de alunos dos anos investigadas mostram que o aluno tende a usar a vírgula para casos de enumeração e descrição de fatos, de forma a recuperar o tom suspensivo típico da oralidade em situações de descrição e enumeração. Nesse sentido, o emprego da vírgula tem uma motivação prosódica, de acordo com a proposta de Cagliari (1989), como mostram os dados abaixo:

6) *Era uma vez um menino chamado Pinóquio, ele era pequenininho, (2º D)*

7) *Tinha uma velha abelha que virou homem, e o homem virou um boneco que chamava Pinóquio. (2ª LOS)*

8) *Pinóquio ficou impressionado com a surpresa, e começou a abraçar o seu pai, o pai dele mandou ele fazer um pedido e ele fez. (5º TAG)*

9) *o velhinho estava conversando com o homem, estava com a roupa de abelha, o homem estava com Pinóquio (4º JLAG)*

Em 6, a vírgula é usada para descrever as características de Pinóquio e em 7 e 8 são usadas para separar a narração de fatos sequências. Em 9, temos o uso da vírgula tanto para descrição, *o homem estava com a roupa de abelha*, quanto para a narração de fatos sequências: *o velhinho estava com o homem, o homem estava com o Pinóquio*.

Além disso, é possível observar que as vírgulas só são colocadas entre orações e não entre termos de uma mesma oração, o que nos evidencia que há também uma motivação sintática nesse uso que se dá simultaneamente a uma motivação semântica, na medida em que cada oração separada por vírgulas contém uma informação que se adiciona à informação anterior. O uso da vírgula, nessa fase da aquisição da escrita, sofre influência de fatores semântico, sintático e prosódico, evidenciado a natureza

multifatorial do uso dessas marcas gráficas, como afirma Chacon (1998).

Uso dos pontos de exclamação e interrogação

Os pontos de interrogação e exclamação, segundo Cury (1982), têm seu uso guiado por questões subjetivas, para indicar, respectivamente, uma pergunta e uma exclamação.

Os dados de aquisição da linguagem mostram que essas marcas gráficas já são exploradas pelos alunos nessa fase de aquisição em particular nas 4º e 5º anos, conforme os dados abaixo:

10) Era uma vez Pinóquio e seu pai. Ele era felizes e conseguiu ficar mais feliz ainda sim? (2º LTS)

11) Gepeto é assim? (2º LT)

12) Cadê o rato? (4º JPS)

13) Ó ele aqui? (4º JPS)

14) e o mágico transformou Pinóquio em um boneco e sua fada madrinha o perguntou ? _ O que aconteceu. E ele mentiu e o seu nariz cresceu. (5º BJS)

Os dados de 10 a 14 mostram o uso da interrogação com a explícita finalidade de marcar uma mudança entoacional na frase, que marca efetivamente um questionamento, por vezes até engraçado como a ocorrência 10. Ora, Pinóquio e o pai já eram felizes e eles conseguiram ficar ainda mais felizes. O uso dessa interrogação tem também uma conotação exclamativa. Em 14, o sinal de interrogação é colocado antes da pergunta, o que não tira, do trecho em que ele aparece o sentido de interrogação.

A subjetividade no uso dessas marcas, de acordo com Cury (1982), também é visível no uso da exclamação, conforme dados:

15) Pinóquio fez aniversário Oba! (5º GLS)

16) E todo mundo ficou feliz! (4º FPO)

17) Fim!!! (4º JVBP)

18) Pinóquio!!! (4º LKS)

19) *Preparou um bolo para ele e o chamou: _ Pinóquio!! Venha cá meu filho, _ Já vou papai!!! (5º TAG)*

20) *Surpresa!! (5º TAG)*

A exclamação é usada somente nos 4º e 5º anos, o que implica que essa marca gráfica é um recurso usado mais tardiamente em relação aos demais pontos. É usado para indicar admiração. É ainda usado para indicar ênfase e chamado e, para esses casos, o aluno lança mão da repetição do sinal.

O uso da interrogação e da exclamação, dada a sua própria natureza subjetiva, é motivado pela tentativa de representação na escrita de variações prosódicas que ocorrem na oralidade, sendo, nesse sentido um correlato visual da prosódia, como proposto por Cagliari (1989).

Uso de outras marcas (Parágrafo, reticências, travessão e outros)

Aparecem, ainda, nos textos de alunos dos dois últimos anos outras marcas gráficas. Foram encontrados, na grande maioria casos, usos de paragrafação somente no início do texto. Há apenas duas redações em que os alunos usam o parágrafo ao longo do texto com o objetivo de organizá-lo. Esses usos são de formatação do texto, sem qualquer vínculo com a separação de conteúdo, como normalmente é feito nos textos de escritor fluente, no sentido que não está em fase de aquisição da língua escrita.

Foram encontradas passagens com o uso das reticências, predominantemente na 5º ano, indicando interrupção do pensamento e, conforme diz Chacon (1997), este sinal apresenta-se como uma quebra de expectativa, promovida pelo ritmo e, portanto, pela prosódia. Em alguns casos, os alunos colocam as reticências entre colchetes.

Também, a presença do travessão e dos dois pontos ocorre com maior frequência no 5º ano, quando aparecem os diálogos, que podem ou não se apresentar marcados.

Considerações finais

Frente aos resultados encontrados, às análises desenvolvidas e buscando responder às questões colocadas inicialmente, é possível concluir que a criança, em fase de aquisição da língua escrita, mesmo que inicialmente de forma tímida, lança mão, em

seus textos, dos recursos gráficos disponíveis na escrita do português.

As motivações para o uso dos diferentes sinais são de ordem diversa e depende sobremaneira das características próprias de cada sinal. Assim, tanto fatores de ordem prosódica, quanto semântica, formal e em menor escala, o fator sintático, estão atuando no uso das marcas gráficas pela criança.

Diante disso, é possível afirmar, que, apesar de não dominar as regras de uso dos sinais de pontuação, a criança não é alheia ao significado dessas marcas para o texto, e ousa a explorar esses recursos como o faz para o uso repetido do sinal de exclamação para tentar recuperar as variações típicas da fala.

Assim, podemos afirmar que a criança usa, sim, os sinais de pontuação e cujos usos têm motivações de natureza diversas, endossando a hipótese de que fatores de natureza diversa orientam essas colocações.

Referências

ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S.; MAYRINK SABINSON, M.L.T. GERALDI, J.W. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 25, p.5-23, 1995.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Marcadores Prosódicos na Escrita. In: SEMINÁRIO DO GEL, 18, 1989, Lorena: GEL. **Anais...** Lorena, 1989, p.195-203.

_____. A escrita do barulho. In: SEMINÁRIO DO GEL, 23, 1993, Ribeirão Preto: Mora Lacerda. **Anais...** Ribeirão Preto, 1993. p.615-622.

_____. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da Língua Portuguesa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 27, p.103-111, 1995.

Breve história da pontuação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA, 5, 1996, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 1996. p.177-183.

CHACON, Lourenço. A Pontuação e a delimitação das unidades rítmicas da escrita. In: SEMINÁRIO DO GEL, 27, 1998, São José do Rio Preto: UNESP. **Anais...** São José do Rio Preto, 1998, p.64 -71.

_____. A Pontuação e a demarcação de aspectos rítmicos da linguagem. **DELTA**. v. 13, n.1, p.01-16, 1997.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. O paradigma indiciário na apreensão do modo heterogêneo de constituição da escrita. In: SEMINÁRIO DO GEL, 27, 1998, São José do Rio Preto: UNESP. **Anais...** São José do Rio Preto, 1998 p.71-78.

CUNHA, Celso. **Gramática da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1977

KURY, Augusto Gama. **Ortografia, pontuação, crase**. Rio de Janeiro: Fename, 1982.

LEMOS, Claudia. de Interacionismo e aquisição da linguagem. **DELTA** v. 2, n. 2, p. 231-248, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2003.

ROCHA, Iúta Lerche Vieira. Flutuação no modo de pontuar e estilos de pontuação. **DELTA**. v. 14, n. 1, p.1-12, 1998.